

## **ROSE MARIE MURARO: PENSAMENTO, SUBJETIVIDADE E AÇÃO**

**ANNA MARINA BARBARÁ PINHEIRO\***

Rose Marie Gebara nasceu no Rio de Janeiro em 11 de novembro de 1930. Casou-se com Aldo Muraro, um ex seminarista dominicano com quem teve cinco filhos. Não foi feliz no casamento, mas, em função de sua formação católica e intensa inserção na Igreja, encontrou grande dificuldade em separar-se.

Rose Iniciou uma formação universitária em física, mas não a concluiu. Como desde jovem escrevia para jornais estudantis, em 1960 começou a trabalhar na União Católica de Imprensa, na Conferência Nacional de Bispos do Brasil, ingressando, em 1961 na Editora Vozes, como responsável pela organização do catálogo de livros nacionais. Foram as dificuldades financeiras decorrentes dos negócios mal sucedidos realizados pelo marido que empurraram Rose para o mercado de trabalho formal.

Em 1966 publicou “A Mulher na construção do mundo futuro”. O livro foi escrito quando Rose ainda não se considerava feminista, nem tinha qualquer <sup>1</sup>conhecimento acerca deste movimento. Foi um livro “intuitivo”, escrito em vinte dias, sem nenhuma pesquisa, mas vendeu dez mil exemplares em três meses.

A bibliografia em português sobre o que era conhecido como a questão da mulher ainda era diminuta e, no Brasil, existia apenas um livro “A Arte de ser mulher”, de Carmen da Silva, editado pela Civilização Brasileira, o que confere a Rose, certo pioneirismo no tratamento do tema.

Em 1970, Rose publica seu primeiro livro feminista, “Libertação Sexual da Mulher”. Estando em processo psicanalítico desde 1968, ao qual atribui sua inserção no feminismo antes mesmo de que houvesse um movimento organizado no país, Rose já se permitia experimentar uma vivência prazerosa da sexualidade, o que, certamente irá refletir-se em sua obra. Com o livro, a autora buscava introduzir no Brasil as teses que as feministas estavam defendendo na Europa Ocidental e nos E.U.A do Norte e, também discutir o fenômeno da repressão sexual à luz das ideias de Herbert Marcuse.

Em 1971, como editora da Vozes, Rose promoveu o lançamento no país do livro “A Mística Feminina”, da feminista norte-americana Betty Friedan. Importante referência teórica

---

\* Doutora em História Social pela UFF, professora do Departamento de Ciência Política do IFCS/UFRJ

<sup>1</sup> As informações que serão utilizadas nesta breve apresentação da autora foram retiradas de sua autobiografia, “Memórias de uma Mulher Impossível”. Petrópolis, Vozes, 1999.

para o feminismo do período, sua visita ao Brasil teve grande repercussão na imprensa do país, contando, por exemplo, com uma oncológica entrevista dada por Rose sobre seus escritos ao jornal O Pasquim. Apesar de simbolizar a resistência política ao regime militar, “O Pasquim” possuía profundo caráter machista e antifeminista e a entrevista de Rose ao jornal, certamente, contribuiu para popularizar o debate sobre a condição feminina no país.

Em 1972, Rose foi encarregada por Romy Medeiros, advogada que criara, em 1949, o Conselho Nacional da Mulher, de organizar um congresso sobre a mulher a ser promovido pelo referido Conselho. Ao longo da década de 1950, Romy notabilizara-se por sua incessante luta junto ao Congresso Nacional em defesa dos direitos das mulheres casadas que eram tidas pela Constituição do país como parcialmente incapazes e tinham o exercício de sua cidadania regulado por seus maridos, situação que se modificou com a aprovação do Estatuto da Mulher Casada, em 1962.

Ao contrário das feministas que lhe sucederiam na década de 1970, Romy, conforme Céli Regina Jardim Pinto ( PINTO:2003 ) tinha boas relações com as elites governamentais, inclusive, militares, o que lhe facultou realizar o mencionado congresso, que contou com o apoio da BENFAM (fundação norte-americana com grande atividade no campo do planejamento familiar ao longo de todo o regime militar), da Coca-cola e da alta hierarquia da Igreja Católica. Tais relações, entretanto, não a impediram de ter problemas com a repressão. Chamada ao DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) por oito vezes, para prestar esclarecimentos no decorrer da organização do congresso, Romy acabou reunindo os correspondentes internacionais que cobriam o evento e denunciando a ameaça. O evento teve grande visibilidade na imprensa, tendo se caracterizado pela heterogeneidade do público que reuniu.

Além deste congresso promovido por Romy Medeiros, o início da década de 1970, no Brasil, também foi marcado pelo surgimento dos primeiros grupos de reflexão feminista no país. Estes grupos tinham caráter bastante privado e articulavam mulheres em função de relações de amizade, afinidades intelectuais e políticas. A entrada nos mesmos se dava através de convites. É impossível saber-se ao certo, quantos existiram no Brasil. Alguns, entretanto, ficariam conhecidos pelo pioneirismo e pelo fato de muitas de suas integrantes, notabilizarem-se, posteriormente, como feministas.

O primeiro de tais grupos iniciou-se em São Paulo em 1972, reunindo-se regularmente até 1975. Era formado por mulheres intelectuais de esquerda, profissionalizadas e de meia-

idade. Foi criado por duas mulheres que haviam residido nos E.U.A do Norte e na Europa, e lá tido contato com as novas ideias feministas.

Importa ter-se em conta o fato da criação do grupo ter correspondido a um período marcado por um grande vazio político no país, em que a esquerda havia sido derrotada em todas as frentes, inclusive, na guerrilha, e a repressão ilimitada do governo Médice transmitia a todos a sensação de que havia muito a se fazer, sem que, contudo, houvesse nenhuma possibilidade de ação.

Também em 1972 surgiram no Rio de Janeiro grupos da mesma natureza fundados por mulheres que se tornariam feministas muito importantes no cenário nacional das décadas posteriores. O primeiro deles foi criado por Branca Moreira Alves, que retornava dos E.U.A após uma temporada na Universidade de Berkeley. O grupo era totalmente informal e reunia amigas suas e de sua mãe. Tal grupo se reuniu até fins de 1973, deste momento em diante, passando a funcionar apenas com as mais jovens. Esses grupos de certo não foram os únicos a existir no Brasil no início da década de 1970. Apesar de pequenos e informais, foram fundamentais, por introduzirem no país novas abordagens acerca da condição da mulher, até então desconsideradas por aqui.

Até 1975 o feminismo no Brasil restringia-se apenas à atuação dos referidos grupos e à militância de mulheres como Carmen da Silva, Heleieth Safiotti, Heloneida Studart e da própria Rose, que emprestava sua imagem e sua voz ao movimento, num momento em que a autoidentificação com o feminismo era bastante problemática para as mulheres no país.

Em 1974, a jornalista Heloneida Studart lança o livro “Mulher: objeto de cama e mesa”, que logo se torna referência obrigatória na literatura feminista brasileira e mais um best-seller da Editora Vozes. Nesse mesmo ano, Heloneida, Rose e a comunicadora Cidinha Campos escrevem uma peça de teatro chamada “Homem não entra”. Segundo Moema Toscano, partindo de um enredo que levantava questões acerca do cotidiano das mulheres, o público, exclusivamente feminino, era convidado a se manifestar à vontade, longe da censura e da repressão dos homens. A peça foi representada durante anos, arrastando multidões por todo o Brasil (TOSCANO & GOLDEMBERG). De acordo com Rose, foi a partir da montagem dessa peça que os militares teriam passado a vigiá-la mais insidiosamente.

A partir de 1975 a questão da mulher, que já era, portanto, uma questão pública no Brasil, adquiriu uma nova dimensão, na medida em que a ONU instituiu o mencionado ano em Ano Internacional da Mulher, o primeiro ano da década da mulher. A criação deste marco permitiu, portanto, que se realizasse, no Rio de Janeiro, um evento para comemorá-lo, a

despeito da ditadura que ainda vigorava no país. Tal evento, patrocinado pelo Centro de Informação da ONU, e intitulado de “O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira” de acordo com Céli Regina Jardim Pinto (PINTO: 2003) teria sido organizado a partir da união entre os dois grupos de reflexão que existiam na época, no Rio de Janeiro. Neste evento se criou o Centro da Mulher Brasileira.

Rose Marie Muraro também identifica o mencionado seminário como um importante marco de fundação do feminismo de segunda onda no país, enfatizando o fato de não ter participado de sua organização: “Elas (as feministas) nem me avisaram desta reunião porque achavam que eu era uma estrela e que no feminismo não podia haver estrelas. Fui como público. (...) Fiquei na plateia, com Carmen da Silva e Heloneida, as três tranquilamente, como povo...” (MURARO: 1999, p.176)

Com relação à sua participação no Centro da Mulher Brasileira, Rose afirma que só começou a fazer parte ativa do mesmo quando doou um dinheiro que receberia de Ecilda Ramos de Souza, então diretora do Fundo Nacional de Desenvolvimento Educacional (FNDE) para uma viagem, ao centro: “Querida me dar passagem e tudo. Pedi que desse o dinheiro às feministas. Até o fim de sua vida, Ecilda nos ajudou como pôde. Graças a ela, pudemos começar nossa história” (MURARO: 1999, p.176)

Esta contribuição de Ecilda, que para Rose, era uma “feminista silenciosa”, não está referendada em nenhuma outra das narrativas de fundação do feminismo no Brasil correntes na literatura acerca do tema. Tal referência, acrescida das considerações que a autora tece sobre sua participação no evento da ABI sinalizam, não apenas para outra possibilidade de narrativa fundadora do feminismo no país, como já indicou Joana Pedro, como apontam para relações ambivalentes entre uma de suas mais ilustres pioneiras e aquelas mais identificadas com o feminismo autônomo e\ou com a academia.

Ainda na década de 1970, a obra de Rose, que naquele momento constituía-se apenas de três livros e uma peça de teatro em coautoria com Heloneida Studart e Cidinha Campos, seria proibida pela ditadura militar e os livros, apreendidos na editora Vozes. Em 1977, depois de muitos anos em busca de uma vida mais gratificante, Rose, finalmente, consegue separar-se do marido. Nesse mesmo ano, deprimida com a proibição de escrever que lhe fora imposta pela ditadura, Rose aceita uma bolsa de estudos da Fundação Fulbright, e passa cerca de sete meses nos E.U. A. do Norte.

No início da década de 1980, Rose realiza e publica o que concebemos como seu mais audacioso projeto “A Sexualidade da Mulher Brasileira: corpo e classe social no Brasil”.

Financiada pela Fundação Rockfeller, a pesquisa situa-se num contexto em que, não apenas temia-se a explosão demográfica mundial, como ainda, percebia-se que a mesma decorreria da pobreza que permeava os países de capitalismo periférico e tardio como o Brasil. Nesse sentido, a pesquisa deveria explicar o porquê das mulheres camponesas do Nordeste brasileiro terem tantos filhos. Rose, entretanto, articulando-se com intelectuais do campo acadêmico e do movimento feminista conseguiu desenhar um novo projeto tendo em vista investigar a relação existente entre sexualidade e classe social no Brasil. O livro teve imensa repercussão no país, transformando-se logo num sucesso editorial. Vendeu cinco mil exemplares em três dias, chegando a vinte mil no final de 1984.

A publicação deste livro, de acordo com a autora, marca mais uma mudança em sua vida, multiplicando suas viagens por todo o país para dar palestras acerca da condição da mulher:

*“Já era convidada para falar, mas não com essa intensidade. A partir desse livro, acontecia às vezes de eu ter que fazer palestras durante cinco dias, em cinco estados diferentes. (...) Andei o Brasil inteiro: além de (...) todas as capitais, menos Manaus, fui parar em Rondônia, no Acre, Amapá, Cuiabá, Vitória da Conquista, Campina Grande, Limoeiro do Norte, Araçatuba.” (MURARO: 1999, p.267)*

Em 1985, ainda no rescaldo da publicação de “Sexualidade da Mulher Brasileira”, surgiria um novo livro para Rose. Procurada por um teólogo católico que se dizia assustado com o fato do livro precedente ter demonstrado, ser a Igreja o braço da classe dominante para subalternizar os pobres a partir da moral, a autora decide organizar um seminário para discutir o tema no âmbito da teologia católica. Deste seminário sairia o livro “Sexualidade, Libertação e Fé: por uma erótica cristã”.

Assim que foi publicado, a editora Vozes recebeu uma carta do Vaticano ordenando que o mesmo fosse retirado do mercado. Optou-se então, por não editá-lo mais, o livro, porém, já havia vendido oito mil exemplares em um ano. Nele, questionava-se a moral da Igreja, discutindo-se o tema tabu da sexualidade. Por causa desse livro, no segundo semestre de 1986, Rose seria demitida da editora Vozes, vivenciando intenso sofrimento que, posteriormente, resultaria num câncer de útero.

Ainda em 1985, com a criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), Rose foi nomeada como uma de suas conselheiras. O feminismo entrava em nova fase no Brasil, começava a institucionalizar-se e Rose também participou ativamente desta nova etapa. No ano de 1988, Rose viaja à Colômbia e ao México para participar da elaboração

do livro “Mujer y iglesia: Sexualidad e Aborto en América Latina”, com a equipe da Catholics for a Free Choice (Católicas pelo Direito de Decidir) da América Latina. A CFFC é uma organização americana de mulheres especializadas em teologia dos direitos reprodutivos e favorável à mudança na perspectiva da Igreja em relação ao aborto. Rose acreditava ter sido, se não a primeira, pelo menos, uma das primeiras brasileiras a participar desta organização.

Tendo saído da Vozes, Rose continuou, entretanto, a trabalhar com livros, fundando em 1986 a editora Espaço e Tempo, onde permaneceu até 1988. Depois, em companhia de Laura Civita, Neuma Aguiar, Ruth Escobar e a Editora Record, fundaram, em 1990 a Rosa dos Tempos, primeira editora de mulheres do Brasil.

Por duas vezes, Rose concorreu a uma cadeira na Câmara Federal, mas não chegou a se eleger. A primeira, em 1986, pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT) e a segunda, em 1994, pelo Partido dos Trabalhadores (PT). De sua primeira experiência como candidata, publicou mais um livro onde discutiu as dificuldades enfrentadas pelas mulheres que adentram o espaço político dominado pelos homens. O livro intitulou-se “Os seis meses em que fui homem” e vendeu doze mil exemplares. Para promovê-lo, Rose deu uma entrevista à revista Exame em que foi fotografada vestindo um terno cor-de-rosa, especialmente confeccionado para a ocasião.

No mesmo ano em que tal livro foi escrito, o ano de 1990, Rose escreveria também “A Mulher no Terceiro Milênio”, publicado dois anos mais tarde, ambos já pela Editora Rosa dos Tempos. Tratava-se, neste livro de verificar se a relação homem\mulher variava de modo significativo com os modos de produção, e então, partindo de “uma visão mais abrangente”, “poder levar a luta política de uma outra maneira”. Rose publicou ainda, em 1999, sua autobiografia: “Memórias de uma mulher impossível”.

Tendo emprestado sua imagem e sua voz ao feminismo numa época da história do país em que eram poucas as mulheres que ousavam fazê-lo, Rose construiu uma notável trajetória de vida como mulher, militante, escritora e editora de livros feministas, tendo por isso sido indicada nove vezes como Mulher do Ano, considerada como uma das mulheres do século XX pela revista *Desfile*, em 1990, como Intelectual do Ano pela União Brasileira de Escritores, em 1994 e, finalmente, como patrona do feminismo brasileiro pelo governo Lula, em 2003.

Nesse sentido, a pesquisa da qual este trabalho faz parte, tem por objetivo realizar o estudo da trajetória de Rose Marie Muraro tal como ela se manifesta na correlação entre alguns títulos de sua obra – notadamente daqueles que foram por ela comentados em sua

autobiografia – e sua autobiografia e nas representações construídas acerca da autora e de sua obra na mídia do período em que a mesma foi produzida. Interessa-nos, particularmente, investigar a relação que Rose, desenvolveu, ao longo de sua vida, com a Igreja Católica por um lado, e com o movimento feminista brasileiro por outro, tendo em vista identificar na correlação entre os diversos tipos de discurso analisados, a transição que a autora realizou de uma posição tradicional, de mulher católica, esposa e mãe, para a posição oposta, de intelectual feminista transgressiva e proscrita pela Igreja.

Rose Rose Marie Muraro transitou de uma posição extremamente tradicional, do ponto de vista das identidades de gênero, de mulher católica, casada e mãe de cinco filhos, à posição diametralmente oposta, de mulher maldita. Intelectual censurada pela ditadura militar e banida pela Igreja Católica, instituição com que nutriu por longos anos, fortes laços, Rose acabou por tornar-se a personificação do feminismo no Brasil. Mas, o que viabilizou tal trajetória? Como e porque estudá-la?

Tendo gosto pela escrita desde muito jovem, Rose, a partir de meados dos anos de 1960, produziu uma vasta obra de cerca de quarenta livros, além de uma peça de teatro em coautoria com Heloneida Studart e Cidinha Campos. Todos os seus livros tiveram ampla aceitação comercial e grande repercussão na mídia do período em que foram publicados. No rescaldo de suas publicações, Rose construiu uma carreira como palestrante, viajando por todo o país para falar sobre a condição da mulher, tema central de sua obra. No entanto, não há qualquer diálogo entre esta obra e a produção acadêmica brasileira. Com exceção da aludida peça de teatro, “Homem não entra” (NOTA), não localizamos um trabalho acadêmico sequer que verse sobre o pensamento de Rose Marie Muraro.

No que diz respeito à autora, interessam-nos, contudo, não apenas seu pensamento, no sentido das racionalizações que produziu, mas sua subjetividade, isto é, interessa-nos o meticuloso processo de construção de si de que foi artífice e do qual nos dão testemunho, sua autobiografia “Memórias de uma mulher impossível”, de 1999 e o extenso acervo, constituído de fotografias, matérias de revistas e jornais sobre sua obra e suas posições, que a própria Rose construiu ao longo de sua vida, recortando, guardando em pastas, registrando e criando seu próprio centro de memória. Esse acervo, que ainda preserva os critérios de organização e classificação utilizados por Rose localiza-se atualmente na sede do Instituto Cultural Rose Marie Muraro, e encontra-se disponível para a consulta, tendo sido ainda pouco utilizado dada a aludida inexistência de trabalhos acadêmicos sobre a autora.

Assim, concebemos que Rose, ao mesmo tempo em que intuía a importância que teria para a posteridade como intelectual e ativista do feminismo no Brasil, construiu essa importância, não apenas produzindo uma obra que refletia acerca da condição feminina, como também, falando publicamente sobre esta obra.

Em plena conjuntura de ditadura, quando o feminismo ainda se reorganizava no país, Rose emprestou sua voz e sua imagem ao movimento. Pagou um preço por isso, mas obteve notoriedade. É esta complexa trajetória, da forma como ela se deixa perceber na correlação entre obra, autobiografia e a documentação contida no acervo pessoal tornado público construído pela autora, que nos interessa desvendar. Nossa ênfase estará, portanto, no discurso que Rose construiu sobre si e sua trajetória. Em função desta ênfase, analisaremos apenas, os títulos de sua obra que ela identifica e comenta em sua autobiografia. São as obras por ela escolhidas que dizem respeito ao nosso trabalho.

Com relação ao uso de sua autobiografia enquanto fonte de pesquisa, estamos cientes da advertência de Bourdieu de que:

*...”o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente, ou final, entre os estados sucessivos [ da vida de alguém] , assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário”(AMADO & FERREIRA : 2006, p.267) .*

Mas, é justamente essa “propensão a tornar-se o ideólogo da própria vida, criando artificialmente um sentido para ela que nos interessa na autobiografia de Rose. Preferimos, contudo, relativizar a artificialidade desse sentido autoconstruído e autoatribuído, e trabalhar com o conceito marxiano de ideologia, considerando, portanto, o discurso autobiográfico como um discurso ideológico construído por seu autor.

Nessa perspectiva, a relação que existiria entre discurso e realidade é aquela que toda ideologia enseja e que está presente, não apenas no discurso autobiográfico construído por Rose, mas também nos discursos sobre as mulheres e as relações de gênero que permeiam suas obras. Cabe ainda salientar, em conformidade com Bourdieu que também estamos cientes de que:

*...”não podemos compreender uma trajetória (...) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto de relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no*



*mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço de possíveis” (AMADO & FERREIRA:2006, p.190)*

Desta forma, pretendemos também realizar entrevistas no campo dos feminismos brasileiros com o objetivo de mapear algumas das relações constitutivas de tal campo e situar Rose, nestas relações. Intencionamos assim, entrevistar as feministas que organizaram os primeiros grupos de reflexão no Brasil e que participaram da organização do congresso de 1975, patrocinado pela ONU, no Rio de Janeiro, feministas que hoje integram a organização “Católicas pelo Direito de Decidir”, da qual Rose foi uma das primeiras brasileiras a participar e, talvez, possam nos dar pistas sobre esta participação, antigas conselheiras do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, que Rose também integrou e a equipe de intelectuais constituída por Rose para realizar a pesquisa que deu origem ao livro “Sexualidade da Mulher Brasileira: corpo e classe social no Brasil”.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006

ÁRIES, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1981.

BRESCIANI, Maria Stella Martins (org.). A Mulher e o Espaço Público; Revista Brasileira de História, São Paulo, vol.9, nº18, Agosto/Setembro de 1989.

BIROLI, Flávia & MIGUEL, Luis Felipe. Feminismo e Política. São Paulo: Boitempo, 2014

COSTA, Albertina de Oliveira & AZZI, Riolando. Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil (1930-1964). São Paulo, Loyola, 1993.

\_\_\_\_\_ & BRUSCHINI, Cristina (orgs.). Rebeldia e Submissão: Estudos sobre Condição Feminina. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: Fundação Carlos Chagas, 1989.

DEL PRIORE, Mary (org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo, Contexto, 1999.

D’INCAO, Maria Ângela.(org.) Amor e Família no Brasil. São Paulo: Contexto, 1989.

ERGAS, Yasmine. O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960 a 1980. In: PERROT, Michelle, DUBY, Georges (Dir.) História das Mulheres: o século XX. Vol. 5. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1991

GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade, sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.

GOLDBERG, Anette. Feminismo e Autoritarismo: a metamorfose de uma utopia de liberação em ideologia liberalizante. 1987. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.

HEINEMANN, Uta Ranke. Eunucos pelo Reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.

LAQUEUR, Thomas. Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos à Freud. Rio de Janeiro: Relume: Dumará, 2001.

MACFARLANE, Alan. História do Casamento e do Amor. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

MURARO, Rose. A Mulher na Construção do Mundo Futuro. Petrópolis, Vozes, 1966

\_\_\_\_\_. A Libertação Sexual da Mulher. Petrópolis, Vozes, 1970.

\_\_\_\_\_. A Sexualidade da Mulher Brasileira: corpo e classe social no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1983.

\_\_\_\_\_. Por uma Erótica Cristã. Petrópolis, Vozes, 1984

\_\_\_\_\_. Os Seis Meses em que fui Homem. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1990.

\_\_\_\_\_. A Mulher no Terceiro Milênio. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1993

\_\_\_\_\_. Memórias de uma Mulher Impossível. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1999.

MISSE, Michel. O Estigma do Passivo Sexual. Rio de Janeiro: Achiamé/Socii, 1981.

NEDER, Gizlene. Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. In: KALOUSTIAN, Manoug (org.). Família Brasileira: a base de tudo. São Paulo: Cortez; Brasília, df: unicef, 1994.

PARKER, Richard.G. Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual do Brasil contemporâneo. São Paulo, Best Seller, 1991.

PEDRO, Joana Maria. Os Feminismos e os Muros de 1968, no Cone Sul. In: Clio – Série Revista de Pesquisa Histórica – N. 26-1, 2008.

\_\_\_\_\_. Narrativas Fundadoras do Feminismo: poderes e conflitos (1970 – 1978). In: Revista Brasileira de História. Vol. 26, n52. São Paulo. Dec. 2006

PINHEIRO, Anna Marina Madureira de Pinho Barbará. Igreja Católica, Medicina e Imprensa Feminina: Representações sobre o Corpo da Mulher no Brasil Republicano. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2005.

PINTO, Céli Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

SARTI, Cynthia Andersen. O Feminismo Brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. Estudos Feministas, Florianópolis, 12(2): 264, maio\agosto\2004.

TELES, Maria Amélia de Almeida. Breve história do feminismo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1993.

TOSCANO, Moema; GOLDENBERG, Miriam. A Revolução das Mulheres: Um Balanço do Feminismo no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 1992.